

VÍDEO “DESPERTAR PARA POESIA” EM SIGNWRITING E TRADUZIDO PARA LÍNGUA PORTUGUESA

Carla Damasceno de Morais¹

Amanda Coelho Alfaia²

RESUMO

O presente artigo objetiva apresentar as etapas da transcrição em *SignWriting* (SW) e a tradução comentada de uma poesia sinalizada em Libras, intitulada “Despertar para poesia”. Este trabalho, de caráter qualitativo, como prática de tradução e de escrita de sinais, articula noções teóricas da Literatura Surda como manifestação cultural e de identidade (Karnopp, 2010), a história e flexibilidade da escrita da Libras em SW (Sutton, 2001; Morais, 2016) e tradução poética na perspectiva da transpoetização e transcrição (Benjamin, 2020; Campos, 2015) aplicada ao par linguístico Libras-Português. O método descreve as fases da transcrição para SW nas quais foram identificados os parâmetros da Libras presentes na poesia, posteriormente traduzidos para o Português por meio da transposição criativa dos elementos manuais e não-manuais expressos em Libras como rima e ritmo. Como resultado, o vídeo sinalizado “Despertar para poesia” foi transcrito em *SignWriting*, traduzido para o Português quando identificado o modo intencional.

Palavras-chave: Literatura Surda. Tradução Poética. Tradução Comentada.

VIDEO “AWAKENING TO POETRY” IN SIGNWRITING AND TRANSLATED INTO PORTUGUESE

ABSTRACT

This article aims to present the stages of SignWriting (SW) transcription and the commented translation of a poem signed in Libras, entitled “Awakening to poetry”. This article, of qualitative character, as a practice of translation and sign writing, articulates theoretical notions of Deaf Literature as a cultural and identity manifestation (Karnopp, 2010), the history and flexibility of writing Libras in SW (Sutton, 2001; Morais, 2016) and poetic translation from the perspective of transpoetization and transcreation (Benjamin, 2020; Campos, 2015) applied to the Libras-Portuguese language pair. The method describes the phases of transcription in SW in which the Libras parameters present in the poetry were identified, later translated into Portuguese through the creative transposition of manual and non-manual elements expressed in Libras as rhyme and rhythm. As a result, the signed video “Awakening to poetry” was transcribed in SignWriting, translated into Portuguese when the intention mode was identified.

Keywords: Deaf Literature. Poetic Translation. Commented Translation.

¹Doutora em Linguística (UFSC); Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Brasil; Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada; <https://orcid.org/0000-0003-2170-4907>. E-mail: moraiscarlasc@gmail.com

² Mestra em Educação Profissional e Tecnológica (IFRS); Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil; Programa de Pós-graduação em Educação; <https://orcid.org/0000-0001-8241-4634>. E-mail: amanda_alfaia@hotmail.com

VIDEO “DESPERTAR PARA LA POESÍA” EN SIGNWRITING Y TRADUCIDO AL PORTUGUÉS

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar las etapas de la transcripción en SignWriting (SW) y la traducción comentada de un poema señalizada en Libras, titulado “Despertar para la poesía”. Este artículo, de naturaleza cualitativa, como práctica de traducción y escritura de señas, articula nociones teóricas de la literatura para sordos como manifestación cultural e identitaria (Karnopp, 2010), la historia y flexibilidad de la escritura de Libras en SW (Sutton, 2001; Morais, 2016) y la traducción poética desde la perspectiva de la transpoetización y la transcreación (Benjamin, 2020; Campos, 2015) aplicada al par lingüístico Libras-portugués. El método describe las fases de la transcripción para SW en las que se identificaron los parámetros de Libras presentes en la poesía, traducidos posteriormente al portugués a través de la transposición creativa de elementos manuales y no manuales expresados en Libras como rima y ritmo. Como resultado, el vídeo titulado “Despertar para la poesía” fue transcrito en SignWriting y traducido al portugués cuando se identificó el modo de intención.

Palabras clave: Literatura Sorda. Traducción Poética. Traducción Comentada.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a transcrição em *SignWriting* e a tradução para a Língua Portuguesa de uma poesia em Libras gravada em vídeo, de aproximadamente 28 segundos, intitulada “Despertar para poesia”. Por tratar-se de uma análise reflexiva e descritiva acerca de dois processos que foram feitos separadamente, um de transcrição da Libras sinalizada para Libras escrita no sistema *SignWriting* e outro da tradução da Libras sinalizada para a Língua Portuguesa escrita, caracteriza-se como um trabalho qualitativo.

Descrever o processo de transcrição em SW e apresentar uma tradução comentada pode contribuir tanto com o campo dos estudos da tradução em língua de sinais, quanto para a tradução poética e escrita de sinais, assim como estimula a reflexão acerca de todo o caminho percorrido, a avaliação do trabalho final entregue e atualiza os estudos sobre estas áreas do conhecimento que estão em expansão.

Apresentamos então esta prática de transcrição e tradução em partes. Primeiramente, com o embasamento teórico da literatura surda, linguística da Libras, escrita em *SignWriting* (SW), tradução poética e tradução comentada em nosso referencial teórico.

Na seção do método, descrevemos como o objeto desta prática, a poesia sinalizada, foi visualizada várias vezes com o intuito de perceber os parâmetros da

língua de sinais para a produção de um texto escrito SW, de acordo com o conteúdo do vídeo sinalizado. Após identificar os parâmetros da Libras presentes na poesia, os sinais foram registrados de forma a garantir a compreensão por parte do escritor/leitor, seguindo as regras do sistema de escrita em ordem vertical, de cima para baixo.

Para a tradução em Português, a poesia em língua de sinais também foi assistida diversas vezes, assim como a leitura da transcrição em SW foi consultada para identificar e compreender a essência, rima, ritmo, intracódigo, percurso da função poética a fim de o desenhar novamente em Português, a partir de um critério de isomorfia e iconicidade.

Como resultado, o vídeo sinalizado “Despertar para poesia”, foi transcrito em *SignWriting* e traduzido para a Língua Portuguesa separadamente por considerarmos a autonomia dos sistemas de escrita (*SignWriting* e Língua Portuguesa escrita), sendo este um caminho possível e que também aceita a possibilidade de realizar um trabalho conjunto.

LITERATURA SURDA, SIGNWRITING E TRADUÇÃO

Nesta seção apresentamos os autores e autoras que constituem o arcabouço teórico deste trabalho. São pesquisadores do Brasil e de outros países que, ao mobilizar os conceitos de literatura surda, *SignWriting* e tradução, nos auxiliam a refletir sobre nosso fazer bilíngue, bicultural e bimodal.

A literatura surda é um rico e crescente elemento cultural que expressa a identidade surda por meio da contação de histórias. Karnopp (2010) considera que a literatura surda se compõe por produções em língua de sinais por pessoas surdas, e que envolve relatos de experiências, contos, lendas, fábulas, piadas, poemas, dentre outros. É também por meio da literatura surda que os surdos transmitem, de geração para geração, as conquistas do movimento surdo, suas lutas, histórias de vida, humor e prazer estético. Sendo constituída de perspectivas diversificadas sobre a experiência de ser surdo, ela não é uniforme (Mianes; Müller; Furtado, 2011).

Sutton-Spence (2021, p. 5) considera que a “*literatura surda em Libras é fundamental para a expressão dos surdos na sua própria língua*”. Conforme Sutton-Spence (2021) a literatura surda original em Libras não foi traduzida da literatura das línguas orais para a língua de sinais. Por esse motivo, se trata de uma literatura valorizada pela comunidade surda uma vez que manifesta as experiências das vidas

dos surdos. Algumas das experiências vivenciadas são semelhantes às das pessoas ouvintes, porém há vivências próprias de pessoas surdas, que conforme a autora, se trata de: resistência à opressão pela sociedade dos ouvintes; os problemas de educação dos surdos; as alegrias de conhecer a Libras; a experiência visual do mundo dos surdos e os sucessos da comunidade surda. Segundo a autora, seja qual for o contexto, a literatura manifesta a perspectiva visual de uma pessoa surda por meio da língua de sinais.

Do mesmo modo como ocorre com a literatura brasileira escrita em português, a literatura em Libras se concentra na forma estética da Libras, que tem características fora do comum, trata do conteúdo com perspectiva não cotidiana e se apresenta de uma maneira que seria diferente da vida comum. A literatura em Libras é bonita, espirituosa, brincalhona e muito agradável. (Sutton-Spence, 2021, p. 27).

O *SignWriting* é um sistema de escrita de sinais que foi desenvolvido por Valerie Sutton a partir de um sistema de notação de coreografia da dança – *DanceWriting* – também criado por ela. Apesar de ser uma invenção americana, o referido sistema foi usado inicialmente na Dinamarca e não está baseado em uma determinada língua de sinais, podendo ser usado para escrever qualquer Língua de Sinais. Ele pertence à comunidade surda mundial e pode ser utilizado por qualquer sinalizante (Capovilla e Raphael, 2001). Segundo Sutton, “*como a argila usada para criar uma estátua que perdurará por gerações futuras, o SignWriting pertence aos Surdos para moldar sua própria Língua de Sinais, sua Cultura, sua História*” (Sutton, 2001 p. 21).

As pesquisas sobre *SignWriting* no Brasil começaram em 1996, na Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por Antonio Carlos da Rocha Costa, Márcia Borda e Marianne Rossi Stumpf. Os referidos pesquisadores desenvolveram um sistema computacional com base no sistema de Valerie Sutton e o difundiram pelo projeto SignNet. O SW-Edit, sistema criado pelo mencionado projeto, podia ser acessado e baixado gratuitamente, entretanto, não está mais disponível.

O sistema SW tem cerca de 35.000 mil quiremas, para representar as línguas de sinais (Bianchini, 2012). É flexível, ou seja, a escrita de um sinal pode ser realizada de formas diferentes, dependendo da preferência do escritor. O referido sistema representa configuração de mãos (CMs), ponto de articulação (PA), orientação de mão (OM), movimentos (M) e expressões não manuais (ENM), considerados como parâmetros das Línguas de Sinais (Morais, 2016).

Acerca da preferência de denominar os símbolos de SW como quiremas, neste artigo, se baseia no referencial teórico de Capovilla, Raphael e Maurício (2009). Para os referidos autores, a escrita alfabética transcreve os fonemas que compõem a fala (unidades básicas das línguas faladas), a escrita em SW transcreve os quiremas que compõem a sinalização (unidades básicas das línguas de sinais). A escrita alfabética beneficia o ouvinte porque ela transcreve os sons da fala que ele usa para pensar e comunicar-se oralmente. Já o SW beneficia o surdo porque transcreve as articulações e movimentos das mãos na sinalização que ele usa para pensar e comunicar-se em sinais (Capovilla, Raphael e Maurício, 2009).

A produção de um vídeo de poesia na Libras e a sua transcrição em *SignWriting* é resultado de uma literatura surda, produzida em vídeo em uma língua reconhecida como meio de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira (Brasil, 2002) e escrita por um sistema que concerne à comunidade surda mundial.

A tradução é fundamental para abrir portas e dar acesso para outras línguas e culturas. Atividade antiga desde tempos imemoriais, muitas vezes ela é pensada como uma tarefa mecânica e não criativa, como um instrumento de informação e não como arte. Nesta perspectiva, o tradutor seria então um ser invisível, neutro, nunca lembrado, que faz um serviço quase braçal ao se empenhar para dizer exatamente o que autor está dizendo na língua original.

A partir de Roman Jakobson (2010), compreendemos que o signo verbal quando é traduzido para outra língua e em outro sistema de signos, trata-se de tradução interlingual (Libras e Português) e tradução intersemiótica (Libras vídeo e Português escrito). Em nosso objeto, dada a diferença das línguas em suas materialidades, de modalidades distintas, sendo uma gestual e outra oral, o par linguístico envolvido é intermodal, conforme Quadros (2006).

Para o filósofo e tradutor alemão Walter Benjamin, a tradução é uma forma artística regida por uma lei que reside no original. A fidelidade se exprime na liberdade rearmonizar o modo de intencionar, por uma operação estranhante, que é alargar as fronteiras, transgredir os limites entre as línguas, deixando-as se afetarem.

Ao teorizar sobre o papel da tradução, Benjamin (2020) rejeita o dogma da fidelidade do tradutor e desconstrói a noção ingênua da servilidade da operação tradutora, pois a fidelidade tradicional não consegue dar conta do pleno sentido do original, pois o que mais importa não é o que o original quer dizer, mas sim o modo como este quer dizer, a isto ele nomeia de “modo de intencionar”.

Neste sentido, concordamos com Benjamin (2020) quando este afirma que a tradução é muito mais do que transmissão de conteúdo, é nela que o original se amplia e se renova. A tradução é um ato de amor, um testemunho do parentesco das línguas e seu objetivo é expressar a relação mais íntima das línguas.

Desta forma, o tradutor não mais sendo uma figura passiva e apagada no processo de traduzir, é sim sujeito no ato de recriar: um tradutor-poeta. É um transpoetizador, transcriador, atento à função poética para redesenhar a forma semiótica, não mais preocupado com o mero conteúdo referencial, mas sim em libertar o que o poema tem de mais íntimo: a linguagem e não a língua (Campos, 2015).

Nas palavras do poeta e tradutor brasileiro Haroldo de Campos, o tradutor tem uma missão ao mesmo tempo delicada e crítica:

Como que se desmonta e se remonta a máquina da criação, aquela fragílima beleza aparentemente intangível que nos oferece o produto acabado numa língua estranha. E que, no entanto, se revela à uma vivisseção implacável, que lhe revolve as entranhas, para trazê-la novamente à luz num corpo linguístico diverso. Por isso mesmo a tradução é crítica (Campos, 2015, p. 14).

Nascimento, Martins e Segala (2017) ao refletirem sobre o processo tradutório envolvendo uma poesia em Português para a Libras, afirmam que neste movimento intermodal são possíveis outras formas poéticas quando se permitem serem afetadas pela estética que a arte propicia. Ao relatarem a densidade da tensão tradutória na construção de um sentido poético constatam que:

A poesia representa, ainda, grandes desafios para os tradutores. Desafios que arbitram desde a condição intrasubjetiva dos sentidos atribuídos pelo poeta na totalidade discursiva do poema até a dimensão verbal, expressa na articulação fonético-fonológica, rítmica e versal de como esses criadores deixam transparecer esses sentidos (Nascimento; Martins; Segala, 2017, p.1851).

Já Campos (2015) enfatiza que a tradução poética é uma tradução que exige mais esforço, pois há uma forma semiótica ricamente semantizada, repleta de nuances e irradiando sentidos, ao que ele chama de interlíngua.

Assim como em outras línguas, a poesia em língua de sinais faz uso de uma forma intensificada de linguagem, o sinalarte. A língua de sinais artística é uma manifestação viva do folclore surdo, um verdadeiro espelho da cultura surda que reflete o orgulho da língua de sinais e celebra o mundo e a experiência visual. Na poesia em língua de sinais o efeito estético também se faz presente através da simetria, do ritmo, da repetição e do morfismo, por exemplo. Nela, a ideia da visão e

do olhar, com ou sem sinalização manual, são comumente presentes como uma afirmação da existência e da experiência da pessoa surda (Sutton-Spence; Quadros, 2006).

O linguista russo Roman Jakobson afirma que *“a poesia por definição é intraduzível. Só é possível uma transposição criativa”* (Jakobson, 2010, p.72). A ideia de que uma boa tradução literária ou também poética depende exclusivamente da habilidade do tradutor já não é mais tão aceita, pois a significação depende do contexto múltiplo da língua do original. Mesmo que as palavras, frases, e aqui cabe citar os sinais, fossem traduzidos eles seriam arrancados do contexto (Rónai, 2020).

Parafraseando o tradutor brasileiro Paulo Rónai, podemos fazer uma relação com língua de sinais. Ele diz que *“não é apenas a ideia que escolhe as palavras, mas são muitas vezes as palavras que fazem brotar ideias”* (Rónai, 2020, p. 13), portanto a tradução seria sempre uma traição, já que certas ideias só nascem na consciência de quem fala certa língua, ou nascem justamente pelo fato de falar certa língua. O tradutor tenta romper a relação intrínseca e inseparável entre pensamento e língua, um atentado contra o que ele chama de lei psicológica da linguagem. Porém, ele considera que é impossível ser fiel apenas à uma língua fazendo sua tradução literal. A fidelidade do tradutor tem que ser talvez até maior para o outro idioma para o qual ele traduz.

Assumindo o papel da tradução como ato de recriação e do tradutor como sujeito ativo e criativo no fazer tradutório, encontramos na transposição criativa de Roman Jakobson (2010), na transcrição de Haroldo de Campos (2015) e na transpoetização de Walter Benjamin (2020) o aporte teórico e prático para traduzir poesia da Libras sinalizada para o Português escrito.

A tradução comentada é um registro da introspectivo e retrospectivo do tradutor, em que se observa o pensar do tradutor no processo tradutório e serve para avaliar tanto o processo quanto o produto de sua tradução. Assim, a tradução comentada explicita o percurso, dificuldades, estratégias do tradutor frente a desafios complexos, como o da tradução poética. *“Toda e qualquer análise crítica envolvendo texto fonte e texto alvo podem caracterizar o que chamam de tradução com comentários ou anotada”* (Zavaglia; Renard; Janczur, 2015, p. 333).

MÉTODO PARA TRANSCREVER EM SIGNWRITING

Para realizar a escrita do vídeo intitulado “Despertar para poesia” produzido em Libras, com tempo de duração aproximado de 28 segundos, foi utilizado o *SignPuddle* v2.0, que está disponível em <http://www.signbank.org/signpuddle/>

Com o objetivo de visualizar os parâmetros da língua de sinais e escrevê-los em *SignWriting*, o vídeo foi visualizado várias vezes de modo a identificar cada parâmetro. A propósito dos parâmetros, Massuti (2007) descreve sobre as configurações de mãos, orientação de mãos e os pontos de articulação:

O formato da mão assume inúmeras configurações nas línguas de sinais, que geram sentidos, e, em uma intrincada sintaxe, elaborada no tempo e no espaço, toma direções e **movimentos** arbitrados, conformando uma profundidade linguística”. As mãos como articuladores primários se movimentam no espaço em frente, ao lado e atrás do corpo. O lugar onde este sinal é **articulado**, aliado ao formato de mão assumindo e o tipo e movimento, estabelece o caráter distintivo da palavra. Sentidos saltam das **configurações de mãos** que ganham diferentes formas, e nessa variação fazer explodir a multiplicidade de palavras. Mesmas configurações de mãos, mas movimentos com direções diferentes também indicam novas palavras. Mesmas configurações de mãos, mesmos movimentos, mas sinalizações em diferentes pontos do corpo ou do espaço abrem também distintas significações (Masutti, 2007, p. 89, grifos nossos).

A citação acima colabora com a compreensão dos parâmetros de modo a identificá-los nas produções artísticas e literárias, uma vez que provavelmente um equívoco pode ocasionar na incompreensão do que foi sinalizado como também mudar o discurso. Por exemplo, os sinais escritos a seguir APRENDER e LARANJA, a diferenciação deles ocorre pelo ponto de articulação.



APRENDER



LARANJA

Os sinais escritos APRENDER e LARANJA, apresentam configuração de mãos semelhantes , movimento de dedos na articulação média fecha semelhantes  e pontos de articulação distintos, ou seja, o sinal escrito APRENDER é articulado em frente e no centro da testa  e o sinal escrito LARANJA em frente à boca .

Pelos exemplos expostos, reiteramos a importância de identificar os parâmetros de modo a garantir a compreensão e a transcrição do sinal em SW.

Nesse sentido, o vídeo “Despertar para poesia” apresenta 3 configurações de mãos, conforme Quadro 1 a seguir:

QUADRO 1 - Configurações de mãos presentes na poesia

	Pentágono - vertical - palma.
	Pentágono – vertical – dorso - dedo polegar estendido.
	Quadrado – vertical - palma.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Seguindo com o roteiro pré-elaborado, identificamos 3 orientações de mãos, conforme Quadro 2 a seguir:

QUADRO 2 – Orientações de mãos

	Pentágono – vertical - dorso/palma.
	Pentágono - horizontal – palma - dedos unidos e voltados para o lado direito.
	Pentágono - horizontal – palma - dedos unidos e voltados para o lado esquerdo.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Em continuidade ao olhar de Masutti (2007) a citação a seguir revela a sensibilidade da autora quando se refere ao parâmetro movimento.

Uma espécie de arquitetura corporal ganha forma com **movimentos**: retilíneos, helicoidais, circulares, semicirculares, angulares que se alternam, aproximam-se, separam-se, inserem-se e cruzam-se em interações sígnicas. Alguns movimentos se ligam, agarram-se, outros tocam, esfregam-se, outros apenas tocam em zonas de contato corpóreo. Os pulsos dobram para cima e para baixo, e as mãos se abrem, fecham-se, curvam-se e dobram-se simultaneamente. Os movimentos para vão para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, enfim para específicos pontos referenciais construídos no espaço. Os movimentos têm tensão, velocidade, ora contidos, ora contínuos, com frequência simples e de repetição (Masutti, 2007, p. 89, grifo nosso).

Após a verificação das configurações e das orientações de mãos, identificamos os movimentos das mãos. Nessa etapa, consideramos possibilidades de movimentos implícitos e os explícitos. Por exemplo, no Quadro 3 a seguir, no lado esquerdo, as mãos pentágono palma, estão posicionadas próximas, em frente do rosto enquanto que no lado esquerdo, as mãos pentágono estão afastadas, percebe-se que houve movimento das mãos, mas não consideramos imperativo alocar setas de movimento, uma vez que esse fato provavelmente não afeta a compreensão do sinal escrito, conforme exemplo a seguir.



Exemplo de posicionamento das mãos/movimento:

Mediante o fato de que o início da sinalização do vídeo se dá com as duas configurações de mãos posicionadas em frente da face e logo a seguir ocorre um breve deslocamento das mãos, ou seja, a mão de cima se afasta para cima e a mão de baixo se afasta para baixo. A preferência por alocar configurações de mãos aproximadas e afastadas justifica a alocação apresentada e a não alternativa de utilizar setas indicativas de movimento direcional.

Apesar de utilizamos um exemplo no Quadro 3, a preferência por alocação de configurações de mãos próximas e afastadas volta a se apresentar conforme Quadro 4 em que a autora prefere utilizar o afastamento e a aproximação das configurações de mãos para indicar o movimento, ao invés de utilizar setas de movimento direcional. A alocação da cabeça/face uma seguida da outra, permite a compreensão de um movimento contínuo, conforme exemplo a seguir:

Exemplo de alocação das configurações de mãos, afastadas e aproximadas



Seguindo a identificação de movimentos relacionados às mãos, identificamos 2 movimentos de dedos: 1. articulação média abre e articulação proximal abre/fecha.

- A articulação média abre () alocado acima da configuração de mão quadrado, palma, do sinal escrito POESIA. A referida alocação objetiva identificar que o movimento de dedos ocorre na referida configuração de mão.

Exemplo de alocação da articulação média abre acima da configuração de mão quadrado/palma no sinal escrito POESIA:



- A articulação proximal abre/fecha () encontrado no sinal escrito CURIOSO(A), com o objetivo de explicitar que durante a sinalização ocorreu várias vezes a articulação proximal da mão pentágono, o referido quirema foi alocado em duplicidade, para dar sentido a um movimento contínuo dos dedos enquanto a cabeça se movimenta para o lado direito e para o lado esquerdo, conforme o sinal escrito abaixo:

Exemplo de alocação em duplicidade da articulação proximal abre/fecha no sinal escrito CURIOSO(A):



Após a assimilação dos movimentos dos dedos na articulação média abre () no sinal escrito POESIA e na articulação proximal abre/fecha () no sinal escrito CURIOSO(A), seguimos para a identificação dos pontos de articulação. Em sua maioria, a sinalização ocorreu em frente à cabeça/face, com exceção do sinal escrito POESIA, articulado no espaço neutro. Diante da referida identificação, consideramos oportuno verificar as expressões não manuais.

Quadros e Karnopp (2004) consideram como expressões não manuais movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco. Barreto e Barreto (2015) elaboraram um índice remissivo da Escrita de Sinais e dividiram por grupos de grafemas. Em relação às expressões não manuais, os autores dividiram por grupos. Dentre os grupos organizados relacionaremos o grupo 22 – cabeça, o grupo 23 – testa, olhos e sobrancelha, o grupo 25 – a boca e os lábio e o grupo 27 – tronco.

1. No grupo 22, se insere a cabeça (Barreto e Barreto, 2015, p. 399).

No vídeo se apresentam: a cabeça para cima , a cabeça para baixo , e a cabeça para os lados direito e esquerdo . Quando a cabeça se movimenta para cima, é alocada uma seta de haste dupla com a ponta da seta para cima, acima do círculo (cabeça). Para o movimento da cabeça para baixo, é alocada uma seta de haste dupla com a ponta da seta para baixo, acima do círculo (cabeça).

No grupo número 23 constam a testa, os olhos e as sobrancelhas (Barreto e Barreto, 2015, p. 399).

Em específico, destacamos os olhos arregalados , que se apresentam no vídeo, objeto deste artigo.

Na escrita em *SignWriting* a direção dos olhos é representada por setas de haste dupla (para cima, para baixo, na diagonal para cima, para baixo e para os lados) e por setas de haste simples (para frente, para a direita, para a esquerda e nas diagonais para frente). As setas são alocadas no mesmo espaço dos olhos.

Em dado momento do vídeo, enquanto sinaliza a poeta, enquanto sinaliza, olha para o lado direito  a seguir, olha para o lado esquerdo .

O grupo 25, inclui a boca e os lábios (Barreto e Barreto, 2015, p. 400).

Identificamos na sinalização do vídeo a boca aberta  que, no caso da sinalização do vídeo, pode ser compreendida como admiração. Quanto à boca sorriso  expressa alegria ou amabilidade.

O grupo 27, inclui o tronco (Barreto e Barreto, 2015, p. 401).

Identificamos no vídeo 2 movimentos do tronco para frente e tronco com movimento para o lado direito. O tronco para a frente  significa que durante a sinalização, o tronco se movimenta para frente; quanto ao tronco com movimento para o lado direito  indica o movimento do tronco para o lado direito.

Por fim, verificamos os quiremas de contato e movimentos direcionais presentes na sinalização. Em relação aos contatos identificamos o quirema de contato escovar . Nesse contato, a mão toca a superfície e depois se separa da superfície. Quanto aos movimentos direcionais, estes ocorrem com a presença de duas setas de haste dupla, com as pontas para cima, indicativas de que o movimento ocorre 2 vezes para cima.

Após as identificações dos parâmetros presentes no vídeo “Despertar para poesia”, consideramos oportuno apresentar o Quadro 3 a seguir a fim de demonstrar as etapas para a composição do sinal escrito POESIA. Como se trata de um vídeo de poesia, esclarecemos que o sinal escrito final apresentado não é impositivo, refere-se ao momento do vídeo e ao discurso do sinalizante. Do mesmo modo a alocação dos quiremas não é imperativo, é uma das possibilidades de forma de escrever o sinal, tal como apresentado abaixo.

QUADRO 3 – Etapas e finalização do sinal escrito POESIA

QUIREMAS	DENOMINAÇÃO	SINAL ESCRITO
	Configuração de mão pentágono, vertical, dorso/palma, não se movimenta, mão de apoio.	
	Configuração de mão quadrado, vertical, palma, se movimenta.	
	A articulação média abre dos dedos da CM quadrado.	
	Contato escovar (CM quadrado contata a CM pentágono).	
	Movimento direcional para cima da CM quadrado (2 vezes).	
	Expressão facial do sinalizante: contente, sorrindo.	
	Tronco se movimenta para o lado direito.	
	Seta para o lado direito (reforça o movimento do tronco).	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Portanto, a transcrição utilizando a escrita em SW ocorreu em diversas etapas em que foram identificados: 1. As configurações de mãos (CMs). 2. As orientações das CMs. 3. Os movimentos das mãos. 4. Os movimentos dos dedos. 5. Os pontos de articulação. 6. As expressões não manuais.

Concluídas as etapas da identificação dos parâmetros da Libras para a transcrição no sistema de escrita SW, a seguir apresentamos a metodologia para a tradução do vídeo sinalizado em Libras para a Língua Portuguesa escrita.

MÉTODO PARA TRADUÇÃO LIBRAS-PORTUGUÊS

Para a tradução da poesia sinalizada em Libras para o Português escrito, encontramos em Benjamin (2010) um dos princípios norteadores no que diz respeito em apreender a forma, ou ainda o modo de intencionar do original, é fundamental captar não apenas o que se quer dizer, mas sim o modo como se quer dizer, as conotações afetivas que as palavras ou sinais transportam em si. Para isto, o vídeo foi assistido várias vezes seguidas em momentos diversos oportunizando reflexões variadas. A transcrição em SW auxiliou a detectar elementos de regularidade, proporção e transição nos parâmetros da língua de sinais.

Foram identificados na poesia em Libras fortes elementos manuais e não-manuais que marcam a descoberta e admiração do mundo visual, marcados nas expressões faciais dos olhos e da boca da poeta sinalizante, tendo em vista que as expressões têm construção de sentido. É uma poesia que enaltece a potência libertadora da língua de sinais artística, uma poesia que fala de poesia celebrando a experiência visual e evidenciando a cultura surda.

Na sinalização foram identificados também repetição de configuração de mão, de ponto de articulação e de movimento, simetria de configuração de mão, morfismo e neologismo. Segundo Quadros e Sutton-Spence (2006) a repetição pode simplesmente ter um apelo estético para ser apreciado ou ainda relacionar sinais e ideias a fim de criar maior significado para o sinal, já a simetria tem um impacto estético agradável e harmonioso.

Foi observado o que as autoras denominam de sutileza poética que é usar a língua criativamente para produzir sinais novos através de neologismo e morfismo, mesclando dois sinais, podendo ser utilizado apenas como recurso estético para fazer uma transição suave e elegante entre sinais, ou ainda para que eles sejam fortemente atrelados um ao outro. A rima tênue é visível quando vários parâmetros são compartilhados por dois sinais (Quadros; Sutton-Spence, 2006).

A partir disso, tomamos por base o teorema de Jakobson (2010) da função poética vista como projeção do paradigma no sintagma. Para ilustrar, numa analogia

ao plano cartesiano dos eixos x e y, o eixo vertical corresponde ao paradigma, à escolha das palavras que podem ser usadas e o eixo horizontal corresponde ao sintagma, que é a combinação destas palavras.

A estratégia adotada foi transferir equivalências das rimas visuais para rimas sonoras e o sentido das expressões não-manuais e das repetições para a pontuação, que começa fechada e vai se abrindo aos poucos, deixando o Português numa estrutura “estranha”, com poucas palavras, numa leitura truncada, repleta de sensações “estranhas”. Estranhamentos estratégicos necessários de intervenção “estrangeira” para tornar o Português aparentado com sua língua-irmã Libras, conterrânea brasileira e tão distinta em sua poética e estética.

Sobre este desafio espinhoso e belo, Paulo Rónai (2020) infere que a tradução neste contexto também é arte e diz:

O objetivo de toda a arte não é algo impossível? O poeta exprime (ou quer exprimir) o inexprimível, o pintor reproduz o irreproduzível, o estatuário fixa o infixável. Não é surpreendente, pois, que o tradutor se empenhe em traduzir o intraduzível (Rónai, 2020, p. 14).

Assistir ao vídeo da poesia sinalizada em Libras diversas vezes, em diferentes ocasiões e consultar a transcrição da mesma em escrita de sinais oportunizou variadas reflexões sobre o desafio da tradução poética, especialmente de uma língua sinalizada para uma oral escrita. Com os autores que versam sobre o papel criativo e autoral do tradutor, encontramos um caminho possível para a tradução que apresentamos nos resultados a seguir.

RESULTADOS

Apresentamos a seguir o resultado da poesia sinalizada em Libras intitulada como “Despertar para poesia” que foi transcrita para o sistema de escrita de sinais *SignWriting* (SW) depois de identificados cada um dos parâmetros da Libras em etapas separadas, como mostramos no método.

A tradução para o Português se deu em outro momento, separadamente da escrita de sinais. Para esta etapa da tradução, os parâmetros da Libras, quanto ao seu apelo artístico e criativo, foram observados tanto na sinalização do vídeo, quanto na transcrição em SW, procurando apreender o seu modo de intencionar para fazer correspondência entre as rimas visuais da língua de sinais com rimas sonoras da

língua portuguesa e as expressões não-manuais da língua de sinais com a pontuação da língua portuguesa.

Escrita do vídeo em Libras para *SignWriting*:



Cada uma das fases da identificação dos seis parâmetros possibilitou a transcrição da poesia sinalizada conforme apresentamos acima. No entanto, esta forma de escrever os sinais em SW não é impositiva. Demonstramos que é possível

alocar quiremas de outras formas, como em duplicidade, por exemplo, ou suprimindo de setas de movimento direcional.

Tradução do vídeo sinalizado em Libras para Português escrito:

[des]tapa a visão
(...) hesitação (...)
[des]venda o olhar
...admirar...
[des]trava a mente
poética-mente!

Conforme explicamos no método, também foi a partir da observação dos parâmetros da Libras que observamos elementos de sutileza poética, de apelo estético, como a rima tênue em língua de sinais. A partir da rima visual, nosso desafio foi corresponder a rimas sonoras da Língua Portuguesa. Os elementos não-manuais das expressões faciais dos olhos e da boca da poeta sinalizante nos orientaram quanto à pontuação em Português.

Assim, a tradução como amor e arte, não deve almejar ser igual ao original. Nas palavras de Walter Benjamin (2020), ela vai tocar o original de leve num pontinho bem pequeno do sentido e seguir sua própria órbita, alargando fronteiras, renovando, eternizando o original e expressando o que há de mais íntimo entre duas línguas.

O que diz uma poesia? Para que serve uma tradução? Benjamin (2020) inverte a lógica da essencialidade da informação e da tradução, que pretende servir como meio de comunicação, como algo inessencial.

A poeta portuguesa Matilde Campilho (2014) em seu poema “Príncipe no roseiral” escreve sobre as coisas que o poema não fala e não faz, justamente porque um poema é para sentir e ele vai afetar a cada um de forma única. Em sua participação na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) de 2015 ela disse:

“A gente está aqui neste lugar lindo, com pessoas lindas, incríveis, mas o mundo está todo arrebetado. Aqui, na Europa, na Síria, nos nossos quartos, está tudo difícil. A poesia, a música, uma pintura não salvam o mundo. Mas salvam o minuto. Isso é suficiente. A gente está aqui para dançar um pouquinho sobre os escombros. Não deixar que a poeira dê alergia nos olhos. Cada um faz como pode. O cirurgião vai tentar salvar todas as vidas que puder. A gente vai tentando salvar os

segundinhos — da minha vida, da vida de todos meus amigos e de alguém que lê uma estrofe. E já é bom” (Campilho, 2015)³.

Como se trata de uma prática de escrita e tradução das autoras, destacamos a independência dos dois sistemas: a escrita em SignWriting e a tradução para o Português. É provável que o vídeo, ao ser assistido por outros escritores de *SignWriting*, apresente variações na escrita, já que, como mencionado anteriormente, o sistema é flexível. O mesmo pode ocorrer com a tradução, considerando que a tradução de uma poesia envolve diferentes interpretações e reflexões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo abordou a transcrição da Libras em *SignWriting* e a tradução de Libras para Português escrito da poesia sinalizada “Despertar para poesia” gravada em vídeo, respeitando a autonomia e as particularidades dos dois sistemas. Os processos foram feitos separadamente, em momentos distintos, mas isto não quer dizer que um trabalho conjunto não seja possível. Pelo contrário, são muitas as alternativas viáveis que tradutores e escritores de SW dispõem para o seu fazer.

Consideramos que nosso objetivo foi contemplado ao apresentar tanto os processos de escrita e de tradução quanto seus produtos finais. Incentivamos que estes registros sejam feitos para o compartilhamento de reflexões entre pares, e, conseqüentemente, expansão destas áreas de conhecimento, a tradução comentada e a transcrição em SW.

Em relação à escrita da Libras em *SignWriting*, esta foi realizada de forma direta, ou seja, não foi adotado o recurso da glosa. A metodologia utilizada para a escrita em SW foi elaborada pelas autoras deste artigo, por esse motivo, não se trata de uma regra ou imposição de método e sim de uma possibilidade.

A tradução para a Língua Portuguesa apresentada aqui não pretende ser a tradução certa, ela é uma das várias traduções possíveis, que busca dar uma sensação semelhante ao modo com que o original faz sentir. Uma delicada e complexa tarefa reequacionar tantas variáveis de uma riqueza visual tridimensional imensa para o papel.

³ Transcrição editada de trechos da fala disponível no YouTube

Considerando as modalidades distintas das duas línguas envolvidas, o desafio do processo tradutório é maior, pois há um receio em falhar na reconstrução da graça e do encanto, da harmonia e da simetria de algo que está em movimento para algo que ficará estático no papel. Isto, porém, é um engano, pois a poesia não é e nunca está inerte, ela sempre está em movimento, afetando quem se abre e se deixa tocar por ela.

Transgredindo o discurso que impera da necessidade da tradução de conteúdos acadêmicos e informativos do Português para Libras, do tradutor intérprete de Libras como mediador da comunicação e da necessidade de acessibilizar a cultura ouvinte em Português para o Surdo, o que é proposto com a tradução que aqui apresentamos é pensar mais além da instrumentalização das línguas, é entrar na dimensão poética, criativa e criadora da língua de sinais a ser conhecida, difundida e alargada. Há tanta riqueza e imensidão de repertório artístico em sinais que podem nos salvar o minuto ou infinito que é a nossa existência.

A escrita de sinais e a tradução em Português detêm a potencial função de eternizar o movimento da poesia sinalizada em dois sistemas diversos que reconstituem, cada um com suas singularidades, uma manifestação rica da Literatura Surda, são aliados da língua de sinais artística no sentido de difundir a Cultura Surda, valorizar a língua de sinais e colocar o poeta sinalizante como protagonista, autor e produtor de arte em sua própria língua.

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Manoel de Barros

REFERÊNCIAS

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de sinais sem mistérios**. 2. ed. Salvador: Libras Escrita, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Linguagem, Tradução, Literatura** (filosofia, teoria e crítica). 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BIANCHINI, Claudia Savina. **Analyse métalinguistique de l'émergence d'un système d'écriture des Langues des Signes: SignWriting et son application à la Langue des Signes Italienne (LIS)**. 2012. Tese. (Doctorat en Sciences du Langage) - Langage et Interaction, Université de Paris VIII, Soutenue, 2012.

CAMPILHO, Matilde. **Jóquei**. 1. ed. Lisboa: Tinta da China, 2014.

FLIP – Festa Literária Internacional De Paraty. **A poesia em 2015**. YouTube, 27 de agosto de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V7WInHg4QY8>. Acesso em: 21 nov. 2024.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIO, Aline Cristina. **Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas**. vol. I (Sinais de A a H), vol. II (Sinais de L a Z). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / Inep / CNPq / Capes, 2009.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. *In*: TÁPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médiçi (org.). **Haroldo de Campos – Transcrição**. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 1-18.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 11, n. 36, p. 155-174, mai./ago. 2010.

MIANES, Felipe Leão; MÜLLER, Janete Inês; FURTADO, Rita Simone Silveira. Literatura surda: um olhar para as narrativas de si. *In*: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (org.). **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p. 55-70.

MASUTTI, Mara Lúcia. **Tradução Cultural: desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes**. 2007. Tese. (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MORAIS, Carla Damasceno de. **Escritas de Sinais: supressão de componentes quirêmicos da escrita da Libras em SignWriting**. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

NASCIMENTO, Vinícius; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira; SEGALA, Rimar Ramalho. Tradução, criação e poesia: descortinando desafios do processo tradutório da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 11, n. 5, 1850-1874, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua brasileira de sinais: estudos linguísticos**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SUTTON-SPENCE, Rachel. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. *In*: QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Estudos Surdos 1**. 1. ed. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 110-165.

RÓNAI, Paulo. **Escola de tradutores**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

SOUZA, S. X. Traduzibilidade poética na interface Libras – Português: aspectos linguísticos e tradutórios com base em Bandeira Brasileira de Pimenta (1999). *In*: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne (org.). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009. p. 310-362.

Sutton-Spence, Rachel. Literatura em libras [livro eletrônico] / Rachel Sutton-Spence; [tradução Gustavo Gusmão]. - 1. ed. - Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021. Leitura online | Literatura em Libras

SUTTON, Valerie. **Lições sobre o SignWriting**: um sistema de escrita para língua de sinais. Tradução Marianne Rossi Stumpf. [S. l: s. n.], 2001. Disponível em: SignWriting Lessons Acesso em: 12 dez 2024.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 331-352, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18655>. Acesso em: 13 dez. 2024.



DOI:

123456789

Recebido em: 10.09.2024

Aprovado em: 10.12.2024